

# SOBREVIVÊNCIAS DE BORGES

Jorge Luis Borges faleceu em 1986 e nesses vinte anos sua figura literária só fez crescer e sua obra é lida e estudada como nunca. Nesse período foram se esmaecendo os pontos polêmicos em torno do cidadão Borges e foram se cristalizando os contornos de um riquíssimo universo de imaginação e invenção verbal, construído em espanhol mas patrimônio da humanidade. Não por acaso se sucederam nesse período as traduções a um grande número de línguas.

Este número de *Fragmentos* teve início no já longínquo ano de 1999, quando foi realizado um encontro sobre Borges na Universidade Federal de Santa Catarina. Foram apresentados nesse evento, em versões preliminares, «Borges cuentista, las reglas del arte», de Isabel Stratta e «Borges e o uso da história». A esses textos se soma aqui uma variedade de estudos, de diversa origem. O primeiro deles, de Júlio Pimentel Pinto, revisa a rica bibliografia recente sobre Borges, com ênfase na relação entre literatura e história. Segue-se o confronto, feito por Rafael Camorlinga, entre o fantástico borgiano e o chamado realismo mágico hispano-americano. Carlos García, por sua vez, apresenta uma investigação sobre Borges e Kafka, uma relação que já mereceu muitos estudos e que é aqui vista de modo rigoroso e perspicaz.

Pablo Rocca analisa um capítulo pouco conhecido: a complexa relação de Borges com o Uruguai, aqui especificamente com os Onetti, um dos quais, Juan Carlos, teve sua importância ofuscada pela fama avassaladora de Borges. Entre os países em que essa fama tem sido grande e duradoura está, sem dúvida, a Itália, como demonstra Andréia Guerini em «Borges na Itália».

Um dos muitos mitos tecidos ao redor de Borges é que suas referências são sistematicamente apócrifas. Ana Cláudia Röcker Trierweiller e Andréa Cesco mostram, em «Intertexto real e inventado em Borges», que

o mundo real tem um peso maior no vasto corpus do autor de *Ficciones* do que normalmente se pensa.

Um conjunto de três artigos enfoca aspectos específicos do texto borgiano: Cláudio Cruz segue os meandros de um conto especialmente perturbador em «Nas pegadas de Marcos: notas a um conto de Borges»; Fernando Sorrentino (escritor argentino, autor de um dos melhores livros de entrevista com Borges) traz em «Borges e Arlt: paralelas que se tocam», evidências textuais de uma curiosa apropriação borgiana, e Fabiano Fernandes, em «Duas onisciências: ‘La escritura del Dios’ e ‘El aleph’», traça um paralelo entre dois relatos de Borges.

O ensaio, a entrevista e a tradução, merecem estudos específicos. Leonil Martínez examina os controvertidos primeiros ensaios borgianos em «O ensaísmo inicial de Jorge Luis Borges: apagamento e reescritura»; Daisy Irmgard Vogel, em «Borges e a entrevista», visita a ainda pouco pesquisada obra oral de Borges e Eleonora Castelli, em «Benjamin e Borges: por uma história da tradução», aborda um dos assuntos que preocupou Borges ao longo da vida e ao qual dedicou alguns de seus mais agudos ensaios.

Borges, segundo parecer unânime da crítica, excede tanto na técnica como no tratamento temático. Dois textos deste número comprovam a destreza de Borges nos dois terrenos: «As ruínas circulares e os recuos do narrador», de Karla Mascarenhas, e «Borges e o *Sur* mítico», de Marlova Gonsales Aseff.

Este número da *Fragmentos* oferece uma ampla «Bibliografia de e sobre Jorge Luis Borges», compilada por Fabiano Fernandes e Andréa Cesco, algumas resenhas da vasta produção internacional sobre Borges e duas entrevistas. A primeira delas, como o escritor Flávio José Cardozo, um dos primeiros tradutores de Borges ao português, e a segunda com Javier Torres, cineasta argentino.

Como apêndice, *Fragmentos* apresenta dois documentos de especial importância: «Borges: ‘Examen de metáforas’: edición crítica y anotada», de Carlos García, e «El Uruguay de Borges: otros documentos», de Pablo Rocca.

Registramos, por último, o ensaio «Mário/Borges: diálogos entre dois poetas vizinhos», em que se analisa o contato entre as poéticas do modernista brasileiro e daquele que foi, no seu momento, o chefe do ultraísmo argentino. Seu autor, Ronaldo Assunção, faleceu prematuramente no ano passado, enlutando o hispanismo brasileiro. À memória de Ronaldo, que deixa, entre outras contribuições, um livro sobre César Vallejo e outro sobre a poesia de Borges, é dedicado este volume.

Walter Carlos Costa